

O ANO EM QUE TUDO ACONTECEU

por Mário Soares

1. O ano de 2008 está a chegar ao fim e não deixa saudades. Foi o ano em que se desencadeou a grande crise global - melhor dito, as várias crises: financeira, económica, energética, ambiental, alimentar e, a pior de todas, político-moral ou crise de valores - o ano em que houve múltiplas catástrofes naturais e conflitos terrenos: no Oriente Médio, onde tudo se agravou; em África, no Zimbabwe, especialmente, onde Mugabe está a dar cabo de um país em cólera, em sentido médico e político, sem que a comunidade internacional ouse intervir para pôr fim ao genocídio, dada a cumplicidade culposa de africanos e outros; entre a Índia e o Paquistão; no Afeganistão, cuja situação se anuncia pior do que no Iraque, com o agravamento do terrorismo em rede, é cada vez mais sofisticado e actuante, bem como com as acções de pirataria ao largo da costa da Somália...

E, contudo, o ano de 2008 também nos trouxe coisas boas. Acima de todas a vitória esmagadora de Barack Obama e a contagiosa onda de dinamismo que desencadeou em favor de uma mudança profunda na América e no Mundo. Mudança de políticas (internas e externas), de desígnios, de objectivos afirmados, que valem como promessas e que mobilizaram a juventude, a inteligentzia, os Centros Científicos, as Universidades, o universo do Cinema, das Artes e da Cultura, tendo lançado o Partido Democrático, numa fase de intensa renovação criativa e influenciado profundamente a sociedade americana, incluindo o Partido Republicano, no que tem de melhor.

Claro que Obama, antes mesmo de tomar posse, se transformou rapidamente num mito - um novo Roosevelt - para os americanos e para os não americanos. As dificuldades com que já está confrontado são tremendas e, obviamente, não pode fazer milagres. A crise vai levar tempo a vencer assim como a paz no Médio Oriente, especialmente no Afeganistão (onde os invasores sempre perderam) e contra o terrorismo global, que tem vindo a atacar outras Regiões, para além do Ocidente.

No entanto, há um vento de esperança que sopra da nova América, que inicia um caminho seguramente muito diferente, a partir de 20 de Janeiro de 2009. Um vento contagiante para a União Europeia e para outras Regiões do vasto Mundo, que pressionam a voltar ao multilateralismo, ao respeito por todas as culturas e religiões, ao diálogo com o que é diferente, para assegurar a paz, ao pluriracismo e, numa palavra, aos Direitos Humanos, tal como foram expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que em 10 de Dezembro último comemorou sessenta anos.

O modelo económico-financeiro vai mudar - está mesmo no epicentro da mudança - após o descrédito total do neoliberalismo. Como muitas outras coisas - como a teoria de menos Estado, da "teologização do mercado" e a teoria da supremacia do economicismo sobre a política. Por isso escrevi, num artigo que publiquei no El País, em 17 de Dezembro de 2007, intitulado: "2008 - um ano de viragem". E não me enganei. Tenciono, de resto, transcrevê-lo em livro que publicarei no

ano que entra (2009), juntamente com outros artigos, conferências, textos e intervenções que fiz em 2008.

2. Os sapatos da ira. Bush resolveu - triste ideia! - fazer uma viagem de despedida ao Iraque. Parece não ter compreendido ainda o mal que fez - e os crimes que em seu nome se cometeram - com a invasão unilateral do Iraque, à margem das Nações Unidas, sem qualquer respeito pelos Direitos Humanos e invocando falsos pretextos, como se demonstrou depois. Uma desgraça em termos globais que marcou para sempre os seus mandatos presidenciais. Como diz o nosso Povo: "O pior cego, é aquele que não quer ver".

Talvez julgasse que iria ser recebido com flores, como um libertador em triunfo. Para isso deve ter imaginado um cenário televisivo, ultra-apologético e ultra-dispendioso, controlado por uma multidão de seguranças. Mas o tiro saiu-lhe pela culatra. A tragédia terminou em farsa. No momento em que fazia a conferência final de imprensa - que devia ser uma apoteose - deu-se o impensável: um jornalista presente atirou-lhe dois sapatos à cara (o gesto mais desprezível que se pode fazer a alguém, no mundo árabe, segundo dizem). Só não lhe acertaram em cheio na cara, porque Bush, como se viu nas televisões do mundo inteiro, demonstrou bons reflexos e sentido de esquiva, escondendo-se debaixo do púlpito em que falava.

Imagine-se em que estado físico terá ficado o jornalista, dado o "tratamento" que lhe foi dado pelos seguranças, em fúria. Bush, quando se recompôs, disse uma graçola de mau gosto e mostrou algum fair play. Disse que os sapatos não eram do seu número. Da sua viagem ao Iraque - que não deve ter custado pouco ao erário americano - foi o que ficou...

3. A crise global aprofunda-se na Europa. O ano de 2009 em que vamos entrar, vai ser muito difícil. A América, centro da crise, e sua primeira responsável, vai, apesar de tudo, sair das dificuldades primeiro do que a União Europeia, porque terá, como já estamos a ver, uma estratégia única para a vencer, enquanto a União Europeia não tem uma estratégia coordenada. Tem várias, consoante os países, em que cada um trata de si, o que representa exactamente o contrário do que deveria fazer uma verdadeira União.

A esse propósito, permito-me aconselhar os meus eventuais leitores a lerem a lúcida e muito informada entrevista que o Governador do Banco de Espanha, Fernandez Ordonez, deu ao El Pais no domingo último (21 de Dezembro). Que diz ele?

Que a crise é gravíssima, pior do que a de 1929, e sem qualquer paralelo com qualquer das que lhe seguiu. Porquê? Porque ninguém, escapa à paralisia. "Os consumidores não consomem, os empresários não contratam, os investidores não investem e os bancos não emprestam". E acrescenta: "a crise que estamos vivendo tem dimensões históricas e características globais. Tem uma dimensão enorme. A desconfiança é total. O mercado inter-bancário não funciona e gera circuitos viciosos. Os bancos não se fiam neles mesmos e, assim, a crise pode alargar-se para além de princípios de 2010". Um veredicto muito sério e realista que está a afligir os maiores países europeus e não só. As pequenas e médias empresas em especial, que geram desemprego em cadeia, são o mais grave de tudo.

4. E Portugal? Há que reconhecer que não está ainda na situação difícilíssima de Espanha. Mas vai lá chegar, infelizmente. Não tenhamos ilusões, porque isso é inevitável. Que devemos fazer então? Em primeiro lugar, assumir que o ataque à crise é uma prioridade absolutamente nacional, embora tenha vindo de fora. Assim, todos os portugueses, e o Governo, em especial, se devem assumir como tal, numa postura nacional, mesmo num ano - 2009 - politicamente complexo, marcado por três eleições sucessivas: europeias, autárquicas e legislativas. Depois, que as respostas para a crise são, em primeiro lugar, sociais e, portanto, predominantemente de Esquerda, isto é: socorrer prioritariamente os mais desfavorecidos, os desempregados, os imigrantes, as pequenas e médias empresas. Para tanto, é preciso dialogar com eles e, sobretudo, ouvi-los, com espírito de solidariedade.

É óbvio que o Governo não pode deixar que os bancos cessem pagamentos ou entrem em falência. Na medida do possível, é claro. Mas o processo de entrega de milhões aos Bancos tem de ser absolutamente transparente e bem explicado aos portugueses. Para os convencer que a entrega do dinheiro não serve para salvar os prevaricadores - que não devem ficar impunes - mas tão só para reavivar a economia real e evitar a paralisia. Nesse sentido, o governador do Banco de Portugal, Victor Constâncio, com a sua autoridade e competência, devia seguir o corajoso exemplo do governador do Banco de Espanha e falar aos portugueses para os convencer da necessidade de dar uma resposta nacional à crise, a pior que conhecemos, desde há muitas décadas.

Para tanto o diálogo e a solidariedade institucional e inter-partidária, com Sindicatos, as diferentes associações de classe e com os cidadãos, em geral, deve constituir uma prioridade absoluta - e permanente - do Governo, ainda que precise de engolir alguns sapos, se quiser ser visto como verdadeiramente nacional, como a crítica situação em que estamos parece exigir.

Lisboa, 23 de Dezembro de 2008